

ESTUDOS

‘ESSA PALAVRA SAUDADE’: PARA UMA POÉTICA ANGLO-PORTUGUESA

Miguel Alarcão
Universidade Nova de Lisboa
CETAPS

“Que se o amor não se perde em vida ausente,
menos se perderá por morte escura;
porque, enfim, a alma vive eternamente,
e amor é afeito d’alma, e sempre dura.”
(“Aquele que de amor descomedido” in Camões, *Lírica*,
III, 151)

À Sílvia

No âmbito da 2ª edição do programa literário internacional “Disquiet Lisbon”, organizado, entre 1 e 13 de Julho de 2012, pela editora norte-americana Dzanc Books e pelo Centro Nacional de Cultura, tivemos oportunidade de participar na mesa-redonda “Anglophone Travel Writing on Lisbon, 18th-20th centuries”, realizada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. A nossa apresentação, partilhada com Maria do Rosário Leitão Lupi Bello, Universidade Aberta e CETAPS, intitulada “Roy Campbell (1901-1957): The Life, Times and Opinions of a South African ‘Cowboer’” e publicada, aliás, neste mesmo número (cf. *infra*, 209-221), visava divulgar um pouco mais a figura de um lusófilo, ao qual ambos havíamos já dedicado estudos em separado (Alarcão, *Roy Campbell*, e Bello, *Portugal*), mas que permanece prática e infelizmente

desconhecido do público português ou, nos raros casos em que tal não acontece, é quase sempre encarado de forma negativa, em virtude sobretudo das suas convicções e posições político-ideológicas.¹

No decurso do debate subsequente, verificou-se um – para nós – inesperado interesse dos ouvintes na definição ou caracterização de “saudade”, despoletado, aliás, pelas tentativas propostas por Campbell em *Portugal* (1957), obra que as circunstâncias da vida (ou da morte...) transformariam numa testamentária declaração de amor ao nosso país. Duas passagens, muito expressivamente lidas por Rosário Lupi Bello, arrancaram alguns quase inaudíveis suspiros por parte da assistência: “... that mysterious melancholy which sighs at the back of every joy, delight, and pleasure like the wind in the pines.” (Campbell ix) e sobretudo

The Portuguese are the only people to have a word which exactly hits off that sense of brooding exile, a sort of homesickness which can even be felt at home, that otherwise undefinable fusion of yearning with satisfaction, pain with pleasure, and resignation with unattainability ... which the word *saudade* conveys so perfectly, as does no other word in any other language. ... But the nostalgia we feel most deeply in Portuguese poetry ... is less perhaps a nostalgia of place than of time, remembrance, and hope. (*Ibidem* 133-135, *passim*)

Dados os objectivos do programa e da estada entre nós, parece lícito supor que muitos dos presentes teriam já ouvido falar da saudade, lido algo sobre este nosso traço identitário-cultural, talvez mesmo ido a uma casa de fados e tomado contacto presencial e directo com aquela que é internacionalmente conhecida como “a canção de Portugal”. Seja como for, a reacção do público transatlântico fez-nos sentir – essa forma epidérmica e primeira de saber – que, durante alguns segundos, as marulhantes ondas de uma saudade sem pátrias, línguas nem povos tinham logrado chegar da “ocidental praia lusitana” à costa leste, da velha Europa tocando o Novo Mundo. Nascia-nos assim a ideia de

¹ Sem deixar de remeter os leitores eventualmente interessados para os artigos citados, note-se de passagem que Roy Campbell era um indivíduo de direita, carismático e de temperamento sanguíneo, dado a uma ou outra controvérsia ou polémica e, a partir de 1935, pública e assumidamente (re)conhecido como católico nos meios literários e comunicacionais britânicos.

reflectir um pouco mais sobre a saudade² enquanto constelação imaterial de emoções e sentimentos.

Em primeiro lugar, diga-se que, em termos teóricos, pragmáticos e mesmo do senso comum, é insustentável defender-se que só os portugueses (ou as comunidades lusófonas, para incluir já, por exemplo, a cabo-verdiana Cesária Évora, 1941-2011, e certas formas do canto sertanejo brasileiro) saberão o que é a saudade, sentem saudades ou conseguem defini-la(s) de forma precisa e fidedigna. Pela mesma ordem de ideias, parece excessivo ficar-se refém de uma sonoridade fonética (consensualmente considerada feliz, é certo, mas, no fundo, tão convencional e arbitrária quanto a de qualquer outro signo linguístico)³ para argumentar em favor de uma alegada, restritiva e exclusivista intraduzibilidade de significados ou referentes. Acresce que, mesmo não sendo possível rastrear ou isolar quaisquer ‘genomas’ hereditariamente transmitidos aos infantes de Avis por uma Filipa de Lencastre saudosa da sua Inglaterra natal, não seria despidendo evocar as considerações tecidas sobre a saudade (“suidade”) por D. Duarte (1433-1438), filho e fruto primogénitos do enlace anglo-português de 1387, no capítulo XXV de *Leal Conselheiro* (1437-8), para já não falar do cognome de “Rei-Saudade”, poeticamente aposto a D. Pedro I (1357-1367) por António Patrício (1878-1930), em *Pedro o Cru* (1918). Talvez faça, pois, mais sentido procurar-se estabelecer, a nível de uma antropologia ou psicografia cultural e comparada, possíveis correspondências ou equivalências, conquanto aproximativas, entre a saudade portuguesa (ou lusófona), a *morriña* galega, a *soledad* castelhana, o *longing* (ou *yearning*) for inglês, a *sehnsucht* alemã, etc., cada qual (e todos eles) naturalmente intraduzível(is) *per se*, mas talvez também, de algum modo, ‘intertraduzível(is)’, por subtis formas e processos que não parecem caber em palavras ou a elas se escapam.

Antes de cotejarmos dois sonetos que versam, ainda que colateralmente, o tema da saudade, vale a pena recordar que vários outros, dicotomicamente emparelhados ou não, lhe surgem quase sempre associados: passado e presente, distância e proximidade, morte e vida, lembrança (ou memória) e esquecimento (ou olvido),⁴

² Cf. Alarcão, *Cruzes*, bem como as referências e sugestões bibliográficas constantes desse estudo.

³ O Dr. John Ladhams, nosso antigo Leitor de Inglês e que tivemos o grato prazer de reencontrar na Universidade de Birmingham em meados da década de 80, confidenciou-nos um dia que as suas duas palavras favoritas em Português eram “minhoca” e “parralelepípedo”... Gostos!

⁴ Como nota Jacinto do Prado Coelho, em capítulo significativamente intitulado “Camões, Poeta do Desengano”: “... dificilmente se goza, pela memória, o bem perdido,

para não falar desse amor patente em cantigas de amigo como “Ay eu coytada”, composta nos primórdios da portugalidade histórico-literária por D. Sancho I (1185-1211) ou a ele tradicionalmente atribuída. Todos estes elementos confluem no complexo ‘mapa genético’ dessa saudade – cantada, saboreada, vivida enfim – que pode até incluir os sonhos, as ilusões e as esperanças adiados ou já desfeitos, o porvir, o que (ou quem) nunca se teve nem se terá jamais. Mas não terão tais sentimentos recebido ou encontrado, ao longo dos séculos e em diferentes latitudes e longitudes, expressão filosófica, artística (literária, musical, plástica...) ou outra em autores não exclusivamente portugueses ou lusófonos? É o que tentaremos sugerir através do brevíssimo confronto de dois sonetos – um português, o outro inglês – oriundos de distintos contextos poético-literários e espaço-temporais.

A – Luís de Camões (c.1524?-1580), “Alma minha gentil, que te partiste”:

Alma minha gentil, que te partiste
tão cedo desta vida descontente,
repousa lá no Céu eternamente,
e viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
memória desta vida se consente,
não te esqueças daquele amor ardente
que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
algua coisa a dor que me ficou
da mágoa, sem remédio, de perder-te,

roga a Deus que teus anos encurtou,
que tão cedo de cá me leve a ver-te,
quão cedo de meus olhos te levou. (Camões II, 147)⁵

sem que esse gozo se desfaça em lágrimas Assim Camões, poeta da Saudade, se antecipa aos românticos por amar o que lhe dá pena, por viver gostosamente entregue às próprias mágoas; ...” (76).

⁵ Maria de Lurdes Saraiva, responsável pela edição utilizada, dá 1595 como data original de publicação (na 1.ª edição das *Rimas ou Rhythmas*, organizada por Fernão Rodrigues Lobo Soropita e impressa por Manuel de Lira para o livreiro lisboeta Estêvão Lopes, que custeou a edição). Independentemente de, na linha da informação registada por Diogo do Couto (1542-1616) na *Década VIII*, ter sido (ou não) Dinamene, naufraga

B – Christina Rossetti (1830-1894), “Remember”:

Remember me when I am gone away,
Gone far away into the silent land;
When you can no more hold me by the hand,
Nor I half turn to go yet turning stay.
Remember me when no more day by day
You tell me of our future that you planned:
Only remember me; you understand
It will be late to counsel then or pray.
Yet if you should forget me for a while
And afterwards remember, do not grieve:
For if the darkness and corruption leave
A vestige of the love that once I had,
Better by far you should forget and smile
Than that you should remember and be sad.
(Rossetti in Wain, II, 480)⁶

Em primeiro lugar, embora irmanados pela escolha da forma sonetística, estes dois poemas filiam-se em tradições diversas, cada qual com os seus requisitos prosódicos (estróficos, métricos, rimáticos...) e mesmo (tipo)gráficos, justapondo-se, por exemplo, na inglesa os catorze versos sem qualquer intervalo, independentemente da adopção do modelo spenseriano ou shakespeariano.⁷ Seja como for, o texto de Camões, distribuído por duas quadras (ou uma oitava) e dois tercetos (ou uma sextilha)⁸ decassilábicos com rima abba/abba/cdc/dcd, constitui, como se sabe, uma das possíveis variantes do soneto italiano ou petrarquista,⁹ concebido e cultivado a partir dos sécu-

chinesa ou nereida/ninfa mitológica clássica, a personagem inspiradora e narratária deste poema, acrescenta a estudiosa: “Um soneto de Petrarca (“Questa anima gentil che si disparte”) tem sido muitas vezes apresentado como fonte do soneto camoniano. Na realidade, a semelhança limita-se aos dois primeiros versos ...” (*Ibidem*). Segundo Hernâni Cidade, “Este belo soneto aproxima-se do soneto XXXVII de Petrarca, mas ... é de mais pura espiritualidade e mais penetrante melodia.” (in Camões, I, 213), tese que expressaria também na breve análise comparativa avançada noutro estudo (Cidade I, 144-146).

⁶ Composto em 1849 e publicado originalmente em *The Goblin Market and other Poems* (1862); cf. tradução (ou versão; veja-se, a este respeito, a “Nota de Tradução”) de Margarida Vale de Gato em edição bilingue da Relógio de Água (Rossetti 70-71), bem como a de Helena Barbas, na antologia poética, também ela bilingue, editada pela Assírio & Alvim (AAVV 82-83).

⁷ Os respectivos esquemas rimáticos são abab/bcbc/cdcd/ee e abab/cdcd/efef/gg; sobre o soneto, cf., por exemplo, Cuddon 642-646, Baldick 207-208 e sobretudo Fuller.

⁸ Margarida Vale de Gato menciona, de forma indistinta, ambas as possibilidades (in *Rossetti* 196).

⁹ A outra variante principal tem como esquema rimático abba/abba/cde/cde, exis-

los XIII e XIV e introduzido entre nós no século XVI, enquanto Christina Rossetti (cujas origens familiares radicam em Itália e que cresceu num meio fortemente marcado pelo conhecimento e pela influência da literatura transalpina, para já não falar da sua própria contemporaneidade com o processo da unificação italiana) optou, apesar da justaposição dos versos, por uma forma híbrida, mas talvez rimaticamente mais próxima de qualquer variante petrarquista (duas quadras e dois tercetos com rima abba/abba/cdd/efe) do que de um possível soneto inglês (três quadras e um dístico, em pentâmetros jâmbicos, com rima abba/abba/cdde/fe; cf. *supra*, n.7), desenvolvido a partir da introdução do género em Inglaterra por Sir Thomas Wyatt (*The Elder*, 1503-1542) e Henry Howard, Conde de Surrey (1517?-1547).¹⁰

Por ociosa ou redundante que pareça a proposta, vale sempre a pena, em nossa opinião, regressar às algo sobranceiramente chamadas “questões básicas” e, colocando-nos na pele dos actuais jovens estudantes das humanidades literárias, tentar identificar qual o género da voz poética activada em cada poema. Ao abrigo das ainda pontuais intrusões biografistas na análise, interpretação e crítica textuais, o facto de – passe e perdoe-se o coloquialismo – Camões ‘ter sido homem’ levá-nos quase automática e inconscientemente a esquecer, por exemplo, as máscaras, as *personnas* e os fingimentos identitários das cantigas de amigo medievais (nas quais, adaptando-se para o efeito um celeberrimo verso de Pessoa, o poeta é uma fingidora...) e a ‘masculinizar’ à partida o Eu, que, por presunção e exclusão heterossexuais de partes, se dirigiria vocativamente a uma “alma ... gentil” feminina, sucedendo o contrário, pela mesma lógica, no soneto de Christina Rossetti. Independentemente, porém, da identificação dos géneros de cada uma das vozes, dissociando-as dos sexos dos respectivos autores empíricos, não é fácil evitar no leitor a sensação de alguma complementaridade dialogal entre estes dois textos, quase parecendo que, através dos respectivos e interpostos Eus poéticos, Rossetti ‘responde’ a Camões...

Atente-se também no modo como a oposição entre os mundos terreno/não terreno¹¹ se acha diferentemente formulada em

tindo, contudo, alternativas a nível da sextilha (cf. Fuller 3).

¹⁰ Reportando-nos às edições bilingues referenciadas *supra* (n.6), enquanto a publicada pela Relógio de Água justapõe os 14 versos do original inglês, seccionando, porém, em duas quadras e dois tercetos os da correspondente tradução (ou versão) portuguesa, a edição da Assírio & Alvim opta, em ambos os casos, por uma organização estrófica em duas quadras e uma sextilha.

¹¹ “A série de paralelismos antitéticos em que [o soneto de Camões] se apoia, vai-se

ambos os poemas. Assim, em “Alma minha gentil...”, onde essa oposição surge deicticamente (de)marcada (cf. “**lá** no Céu”, v. 3, vs. “**cá** na terra”, v. 4), as referências maiúsculadas ao Céu e a Deus, bem como a crença implícita na ressurreição, na vida e no reencontro eternos, compõem uma cosmovisão cristã, ausente de (ou omissa em) “Remember”; na verdade, apesar da condição crente de Christina Rossetti e da frequente associação da sua produção poética a movimentos e tendências mais tradicionalistas ou ritualistas como os emergentes no seio do anglicanismo na década de 1830,¹² esse Além, que Camões havia perifrástica e metonimicamente metaforizado no “assento etéreo” (v. 5), nada mais é do que “the silent land” (v. 2), onde “darkness and corruption” (v. 11) aguardam e desenganadamente acolhem quem partiu.

Importa ainda sublinhar, no v. 9 de ambos os sonetos (“**E** se vires...” e “**Yet** if you should forget...”; negritos nossos), um ponto de viragem (“volta” ou *turn*) formal e semântico e uma proposta de solução que, tendo em vista uma suavização, superação ou talvez mesmo supressão da(s) saudade(s), o sujeito sobrevivo dirige à alma, ao espírito ou à memória do falecido (Camões) ou o inverso (Rossetti). A própria atitude dos dois Eus é diferente: enquanto o camoniano, consumido pela memória de pretéritas lembranças, adopta uma postura de queixosa e expectante resignação, mais não ousando pedir do que a abreviação da espera e a antecipação do reencontro, o rossettiano, apesar do título do poema (“Remember”), propõe, curiosamente, o esquecimento, se ele permitir debelar a infelicidade e tristeza de quem ficou e o seu consequente reequilíbrio anímico-emocional. A afirmação de que “Christina Rossetti dealt frequently with death, both as the door to a flower-bedecked Paradise and a ghostly afterlife and as an intrusion between lovers. It is not always an undesired or brutal intrusion.” (Rogers 361) poderá, pois, reflectir uma efectiva especificidade poética na abordagem e exploração estetizantes e conjuntas das temáticas do Amor e da Morte por parte de alguém já apresentada como “... in love with love ...” (Grierson e Smith 428), para além de que, como nota John Fuller, “without denying the versatility that its [the sonnet’s] continued use in

estabelecendo, quase verso a verso, como uma harmonia, nota contra nota. Cada palavra adquire assim, ..., pela sua posição, valor preponderante e separa os pares opostos, como um quebra-mar, acalmando os contornos da frase ...” (Valverde 155).

¹² Segundo Helena Barbas, “... tanto Cristina [sic; Christina], quanto a mãe e a irmã Maria ... eram anglicanas devotas da *High Church*, profundamente influenciadas pelas teses Tractarianas (1833-1845) de Newmann [sic; Newman] e subsequente Movimento de Oxford.” (AAVV 35-36)

our post-symbolist age has preserved for it, it should be remembered that its prime original use was as a love lyric.” (6)

Em ensaio intitulado “Aspectos petrarquistas da lírica de Camões”, escreve Vítor Manuel de Aguiar e Silva:

“A poesia petrarquiana, porque é – ou pretende ... ser – espelho de uma vida e das vicissitudes psicológicas e morais de uma história de amor e porque a vida humana, sujeita aos acidentes do tempo e do destino, é lábil e incerta, tem na recordação do passado, na recuperação pela memória dos dados existenciais irremediavelmente consumidos pelo fluir do tempo biográfico e cósmico, um dos seus núcleos temáticos mais significativos e um dos mais fecundos ... instrumentos da sua retórica e da sua estilística. ...

Na lírica de Camões, o tema da memória desempenha uma função tão relevante que requer uma análise demorada e minudente É significativo observar que, segundo um cômputo ... decerto sujeito a ... erro, ... o lexema ‘memória’ ocorre ... sessenta e nove vezes (cinco vezes na forma plural) e ... ‘lembrança’, sob a forma singular e ... plural, trinta e seis vezes, embora os campos semânticos directa ou indirectamente relacionados ... não se configurem apenas com fundamento na ocorrência dos referidos lexemas.

... o tema da memória, na lírica camoniana, está dramaticamente associado à acção destruidora do tempo, do destino e da morte, e, muito especialmente, à labilidade do amor. ... a memória é a faculdade humana que retém e conserva tudo quanto ocorre e se exaure no tempo; é a perdurabilidade dos eventos no espírito dos homens, quer enquanto presença ou reconstituição do passado, quer enquanto projecção no futuro; é o canto poético e o seu mágico poder tanto de recriar e transfigurar o já vivido como de fixar miticamente, resgatando-as do fluxo ... do tempo, as experiências vitais ... transcorridas.

... Assim, o tema da memória constitui a manifestação transfiguradora ... da história biográfica subjacente – ou supostamente subjacente – ao poema, contribuindo ... para esbater, senão anular, na consciência do receptor a fronteira entre o sujeito da enunciação poemática e o homem concreto, de carne e osso, que se identifica ... – ou aparenta identificar – com o eu lírico, confessando-se através daquela mesma enunciação” (“Aspectos...”, 187-188)¹³.

¹³ Como nos recorda, noutro ensaio, o insigne camonista, “Ao longo de ... séculos, mudaram-se os esquemas métricos, alteraram-se as formas estróficas e poemáticas, transformaram-se as crenças e convicções religiosas e morais, os sistemas sociais e políticos, as ideias e os valores da vida humana, mas o *modo elegíaco* e o *género elegíaco*

Deve-se a Jorge de Sena – curiosamente ele próprio um camonista cuja actividade o levaria aos meios universitários anglo-americanos, numa vida pelo mundo em pedaços reparada – aquele que será ainda o mais minucioso e quantificado estudo analítico-estrutural de “Alma minha gentil...”, que este Engenheiro das Letras apresenta como “... o mais célebre soneto de Camões, e sem dúvida um dos mais belos do mundo ...” (9). Mas, se o conhecimento do soneto “Remember” por parte do vate quinhentista português é uma manifesta impossibilidade cronológica, tendo em conta os cerca de trezentos anos que separam os dois poetas, não será, ao invés, demasiadamente arriscado colocarmos a hipótese de Christina Rossetti poder conhecer “Alma minha gentil...”,¹⁴ dado o elevado número de traduções, imitações e versões da lírica camoniana disponíveis nos meios literários e editoriais britânicos da 2.^a metade do século XIX.¹⁵ Paralelamente, e no quadro dessa intermedialidade tão propiciadora de exploração pelos comparatismos interartes, vale a pena referir uma peça para canto e piano, composta por Ernest Walker a partir da tradução inglesa do soneto de Camões por Sir Richard Burton (1821-1890) e cuja partitura pertenceu ao eminente lusófilo Edgar Prestage (1869-1951).¹⁶

... permaneceram como manifestações cimeiras da poesia ocidental, porque a elegia é a voz e o canto das duas realidades primordiais, constantes e indissociáveis da existência humana: a morte e o amor, o luto e o sofrimento da perda irremediável e o fulgor, o júbilo e as inquietações da vivência do amor.” (“Elegia...”, 166-167)

¹⁴ Se bem que não, evidentemente, na tradução de Roy Campbell, intitulada “Dear gentle soul, who went so soon away – Camões” (Campbell, *Poems* 130-131). Segundo Maria Eugénia Igreja (102, n.4 e 105), a primeira publicação da tradução (anónima) deste poema para inglês, tendo como verso inaugural “Go, gentle Spirit! now supremely blest”, deve-se a William Hayley (1745-1820), acrescentando: “O soneto mais traduzido pelos ingleses foi o famoso número XIX da edição de Faria e Sousa, *Alma minha gentil que te partiste*, ... só pela análise dos primeiros versos se dá conta do modo diferente como os diversos tradutores se sensibilizaram perante o poema.” (126). Também Iolanda Ramos, apoiando-se na investigação desenvolvida por George Monteiro, para a qual, aliás, remete, observa: “Até 1994, contabilizam-se pelo menos 18 versões do poema em inglês ...” (10, n.4).

Quanto ao supracitado William Hayley, é também o autor de *Essay on Epick Poetry* (1782), obra na qual se chama pela primeira vez a atenção do público britânico para a não menor qualidade do “Camões lírico” face ao “Camões épico”, mais conhecido devido às traduções de *Os Lusíadas* por Sir Richard Fanshawe (1608-1666) em 1655 e sobretudo William Julius Mickle (1734-1788) em 1776.

¹⁵ Como nota José Filgueira Valverde, “as versões feitas bem cedo, o número de vezes que foram editadas, a continuidade no estudo e até na imitação, revelam até que ponto o legado de Camões foi recolhido com amor em Inglaterra.” (374)

¹⁶ “Camoens: Sonnet XIX/Set to Music by Ernest Walker”. Disponível na Secção dos Reservados da Biblioteca Nacional de Portugal sob a cota CAM. 196V.

Quaisquer eventuais investigações nesta área terão, pois, forçosamente de passar pela retoma de pesquisas já efectuadas sobre a recepção e projecção de Camões nas letras anglicísticas (ou anglo-americanas),¹⁷ não descurando um trilho que poderá propiciar novas conclusões. Uma outra poetisa, anterior em uma geração à de Christina Rossetti, Elizabeth Barrett Browning (1806-1861), viria a publicar anonimamente um volume intitulado *Sonnets from the Portuguese*.¹⁸ Como se sabe, este título sugere – erroneamente – uma tradução de originais portugueses e não um conjunto de sonetos ingleses próprios, mas o mais importante seria perscrutar as possíveis razões literário-culturais e imagológicas pelas quais, em meados do século XIX, um casal de poetas ingleses estabelecidos em Itália (mais precisamente, na Florença de Petrarca) terá decidido rotular de “portugueses” quarenta e quatro sonetos escritos de raiz em inglês. No Prefácio que antecede a sua tradução, Manuel Corrêa de Barros reconstitui assim o episódio:

Conta-se que um dia, já depois de casados, Elizabeth entrou no gabinete do marido com um maço de papéis na mão, e, pousando-o na sua mesa de trabalho, disse “lê isto” Eram 44 lindíssimos sonetos, escritos desde a data do seu primeiro encontro Melhor, era um poema, com estâncias em forma de sonetos, que relatava, passo a passo, toda a evolução do espírito de Elizabeth, desde o desânimo e as hesitações do princípio ... até à vitória final, na gratidão sem limites, na paz, na felicidade.

Maravilhado, Robert [Robert Browning, 1812-1889] pediu a Elizabeth que publicasse aqueles sonetos. Ela recusou, por não querer tornar públicos os seus sentimentos mais íntimos. Robert, então, lembrou dar-lhes um título que indicasse tratar-se de traduções, por exemplo, “Sonetos Traduzidos do Bósio”. Elizabeth acabou por aceitar a sugestão; **mas, achando certa semelhança entre os seus sonetos e os de Camões – julgo que pela análise delicada do sentimento amoroso –, preferiu chamar-lhes “Sonnets from the Portuguese”** Imprimiram-se com esse título, e sem nome de autor, em 1847 [sic; ver *infra*, n. 19] só depois

¹⁷ Além do volume coordenado por Maria Leonor Machado de Sousa e dos estudos de Luiz Cardim, Carlos Estorninho, Sidney George West e Fernando de Mello Moser, entre outros, cf. o notabilíssimo trabalho desenvolvido por George Monteiro (*Camões, Notes e Presence*).

¹⁸ Consoante as fontes consultadas, a data original de publicação poderá variar entre 1847 e 1850. Sobre este ponto, o *Oxford Companion to English Literature* diz o seguinte: “The so-called Reading edition, 1847, has been shown ... to be spurious.” (Harvey 768)

da morte de Elizabeth foram publicados, com o seu nome, pelo marido. São, talvez, os melhores sonetos de amor de toda a literatura inglesa.” (Browning 8-9; negritos nossos)¹⁹

Nem todos os críticos literários, mais recentes ou mais antigos, subscreveriam hoje tão encomiástica apreciação; para George Sampson, por exemplo, “The *Sonnets from the Portuguese*, first printed in *Poems* (1850), were over-valued in their day for sentimental reasons; but even with the inevitable abatement of personal interest they remain the most generally profitable part of her ... production.” (708) Seja como for, além da versão dos acontecimentos relatada por Corrêa de Barros, existe uma outra, que atribui a escolha do título não a Elizabeth, mas a Robert, de quem se diz tratar carinhosamente a sua esposa por “my little Portuguese”.²⁰ Independentemente, porém, da verdade dos factos, de acordo com qualquer destas versões, a sensibilidade, a prática e talvez também a (auto-) imagem poéticas de Elizabeth teriam sido moldadas pela divulgação e difusão da lírica (e, em particular, da sonetística) camonianiana na Grã-Bretanha de Oitocentos,²¹ sobretudo graças à (e a partir da) acção, na primeira metade do século XIX, do diplomata Percy Clinton Sidney Smythe, 6º Visconde Strangford (1780-1858),²² e do antiquário e bibliófilo de Newcastle John

¹⁹ Tendo em conta esta variação(bilidade) dos estados de espírito de Elizabeth e a própria complexidade, não raro contraditória, do sentimento de saudade, escutemos Maria Vitalina Leal de Matos: “A primeira impressão que se colhe numa leitura da poesia amorosa de Camões é de espanto pelos profundos contrastes que a atravessam: às vezes serenamente petrarquista, espiritualizada até à quintessência, racionalmente intelectualizada pelo platonismo; outras vezes latejando de sensualidade exibida sem rodeios, ...; e, na maioria dos casos, profundamente conturbada, dividida entre o anseio espiritual e a força dos desejos, amargurada por sentimentos de culpa, pela saudade, pela insatisfação; comprazendo-se nesse sofrimento e ao mesmo tempo detestando-o; procurando sempre no meio deste labirinto amoroso um fio que o leve a entendê-lo e a entender-se, e desesperando ao mesmo tempo de qualquer compreensão.” (*Introdução* 49)

²⁰ “Despite the implications of the title, there are no Portuguese originals (the ‘Portuguese’ of the title being an esoteric reference to the sixteenth-century poet Camoens and to Robert Browning’s nickname for his wife).” (Sanders 439)

²¹ Uma nota de A. Nogueira Santos, tradutor de *A Short History of English Literature*, de Sir Ifor Evans, corrobora esta ideia: “O título ... *Sonnets from the Portuguese* sugere uma tradução, mas serve apenas de disfarce. Na realidade, esses sonetos não só são originais, ... mas são considerados como uma das mais puras expressões do lirismo inglês. Ao mesmo tempo, o título é um reflexo da popularidade que Camões conquistara nessa época em Inglaterra, especialmente o Camões lírico dos sonetos.” (Evans 152, n.8) Cabe aqui recordar que Mrs. Browning é também a autora de “Catarina to Camoens...”, poema em dezanove oitavas com rima /ababccdd/ (Browning 265-267).

²² *Poems, from the Portuguese of Luis de Camoens...* London: 1803. Na sua qualidade de ministro plenipotenciário creditado em Lisboa, Lord Strangford foi também o principal

Adamson (1787-1855),²³ sem dúvida os dois primeiros grandes camonistas britânicos. Mas, além da conexão camoniana e da centralidade temática do amor, apontados por Corrêa de Barros, importaria apurar também qual a extensão e configuração que esse evanescente *je ne sais quoi* que concebemos, designamos e (in)definimos como “saudade” efectivamente detém nos sonetos ‘anglo-portugueses’ de Elizabeth Barrett Browning, “... where an ecstatic love, at once grateful and ... penetrated by the thought of death, blossoms out into mystic adoration ...” (Legouis e Cazamian 1184).

Regressando, porém, a Christina Rossetti, cumpre notar que a composição de “Remember”²⁴ está longe de poder ser considerada como um ‘acto isolado’, uma vez que se trata, de facto, de uma forma regularmente cultivada pela autora de *Goblin Market*. Para dar um exemplo, a poetisa subintitulou de *A Sonnet of Sonnets* o conjunto de catorze poemas que compõem *Monna Innominata* (1881),²⁵ dedicados às ‘Beatrizas’ e ‘Lauras’ anónimas, sem ‘Dantes’ nem ‘Petrarcas’ que as cantassem,

negociador britânico da partida da corte portuguesa para o Brasil, no Outono de 1807, conforme corrobora Maria Eugênia Penteado: “Em 1804 [Strangford] estava em Lisboa como secretário de Legação, cargo a que não terão sido alheios factores relacionados com a sua posição social, conhecimentos de português e, possivelmente, o impacte da tradução de Camões.

Ascenderia rapidamente na fase inicial da carreira, passando, primeiro, a Encarregado de Negócios e sendo-lhe, depois, atribuídos plenos poderes para o desempenho das funções de representação do governo britânico (1806). Nesta qualidade ... ver-se-ia confrontado com delicadas negociações, particularmente aquelas que (...) persuadiram o Príncipe Regente ... a deixar Lisboa e a estabelecer-se ... no Rio de Janeiro

Strangford acompanhou a Corte e manteve-se no Brasil entre 1808 e 1815.” (131).

²³ Além de responsável pela edição, em 1853, da tradução parcelar de *Os Lusíadas* (os primeiros cinco cantos) levada a cabo pelo seu amigo Edward Quillinan (1791-1851), Adamson foi ainda autor e/ou editor de uma série de artigos intitulada “Memoranda Lusitanica” (“Mr Adamson’s Specimens of Portuguese Poetry”) e publicada, a partir de 1807, em *Monthly Magazine or, British Register...; Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens...* (1820, 2 vols.); *Bibliotheca Lusitana; or Catalogue of Books and Tracts, Relating to the History, Literature, and Poetry of Portugal...* (1836) e *Lusitania Illustrata: Notices on the History, Antiquities, Literature, etc., of Portugal...* (vol. I, 1842; vol. II, 1846). Sobre este importante lusófilo oitocentista, vejam-se os estudos citados de João Paulo Pereira da Silva, dos quais constam as referências bibliográficas completas de todas estas obras.

²⁴ W. W. Robson (in Ford (ed.) 366-367) alude a um possível confronto de “Remember” com o soneto n.º LXXI de Shakespeare, intitulado “No longer mourn for me when I am dead”.

²⁵ Título também de um quadro do seu irmão (Dante Gabriel Rossetti, 1828-1882), figura de proa da Irmandade Pré-Rafaelita (*Pre-Raphaelite Brotherhood*), constituída em Londres em 1848, e ele próprio autor de sonetos como os reunidos em *The House of Life* e publicados em 1870 e 1881. No dizer de John Fuller, “... the Victorian sonnet finds its strength in the sequence.” (12)

numa mais do que provável alusão aos silêncios, às solidões, incompreensões e invisibilidades femininos.²⁶ Por justificar a relevância de mais estudos sobre a relação entre estas duas poetisas, transcrevemos a seguinte passagem, que lança alguma oblíqua luz sobre ‘as irmãs oitocentistas de Shakespeare’,²⁷ enclausuradas na gaiola vitoriana, mais dourada ou mais cinzenta, da desigualdade de oportunidades artísticas (entre, afinal, tantas outras...):

Beatrice, immortalized by ‘altissimo poeta ...’; Laura, celebrated by a great tho’ an inferior bard, – have alike paid the exceptional penalty of exceptional honour, and have come down to us resplendent with charms, but (at least, to my apprehension) scant of attractiveness.

These heroines of world-wide fame were preceded by a bevy of unnamed ladies ‘donne innominate’ sung by a school of less conspicuous poets; and in that land and that period which gave ... birth to Catholics, to Albigenses, and to Troubadours, one can imagine many a lady as sharing her lover’s poetic aptitude, while the barrier between them might be held one sacred by both, yet not such as to render mutual love incompatible with mutual honour.

Had such a lady spoken for herself, the portrait ... might have appeared more tender ... than any drawn even by a devoted friend. Or **had the Great Poetess of our own ... nation only been unhappy instead of happy, her circumstances would have invited her to bequeath to us, in lieu of the “Portuguese Sonnets,” an inimitable ‘donna in-nominata’** drawn not from fancy but from feeling, and worthy to occupy a niche beside Beatrice and Laura. (Rossetti 144; negritos nossos)

²⁶ Como lembra Margarida Bettencourt, “No período Vitoriano, em que a mulher começa a destruir as barreiras que a impedem de ter acesso aos mesmos direitos [de] que o homem usufui, Christina Rossetti transpõe ... a principal ... – a da linguagem – criando no poema uma identidade feminina que utiliza a voz para defender os seus pontos de vista e participar na construção da sua própria imagem.

Ao apresentar-se, ao mesmo tempo, como objecto estético, ‘Monna Inominata’ ultrapassa também a barreira que, a nível literário, separa ... o homem e a mulher na cultura oitocentista, justificando a convicção manifestada no Prefácio, de que ambos os discursos – o masculino e o feminino – devem ser considerados equivalentes ...” (II, 407)

²⁷ Ou literalmente, no caso de Christina, ‘irmã de Dante’; a ficciona(liza)ção de uma irmã de Shakespeare, chamada Judith, deve-se, como se sabe, a Virginia Woolf (1882-1941), no 3º capítulo de *A Room of One’s Own* (1929).

Como escreve, no “Prefácio”, Ana Rosa Nobre:

... se, ... nas duas últimas décadas do século XX, [Christina Rossetti] foi considerada como uma das maiores poetisas em inglês, de Oitocentos, tal deveu-se ao valorizar de uma tradição feminina na escrita, assim como à redescoberta dos Pré-Rafaelitas. ... Num momento em que os estudos da literatura e da cultura não podem deixar de reconhecer uma acentuada multiplicidade de tradições e registos literários, ... visível, por exemplo, no aparecimento dos ... Estudos de Género, Estudos de Mulheres e Estudos Pós-Coloniais, são em maior número as vozes que, do século XIX nos chegam, permitindo apreciar ... uma escrita de mulheres, a qual – embora durante muito tempo silenciada – se foi construindo ao lado dos modelos literários do seu tempo, basicamente masculinos. Desta tradição, fazem parte a inglesa **Elizabeth Barrett Browning** ..., a americana Emily Dickinson (1830-1894) e **Christina Rossetti**, para citar apenas alguns nomes (in Rossetti 15; negritos nossos)

Na linha de prismas hermenêuticos como os aqui referidos, desejaríamos que este ensaio pudesse modestamente constituir um pretexto para, sem quaisquer ‘ansiedades’, bloomianas ou outras, se visitar e repensar uma questão antiga, mas ainda e sempre actual, senão mesmo central: a das relações de ‘influência’ nos Estudos Comparatistas, área na qual os Anglo-Portugueses inevitavelmente se incluem. A nossa reflexão teórica colectiva sobre este campo não tem sido muito abundante, mas estamos de acordo com Carlos Ceia, quando, em comunicação apresentada no I Congresso Internacional (2001), advoga (ou, pelo menos, admite) uma não absoluta imprescindibilidade de influências comprováveis(adas), unívocas e/ou biunívocas, directas e/ou mediadas, entre diferentes *corpora* (autores, temas, textos, géneros, correntes, movimentos...) para a prossecução de pesquisas no terreno das intertextualidades, interliterariedades e/ou interculturalidades anglo-portuguesas ou, se

se preferir, luso-anglófonas.²⁸ Dito de outra maneira: não nos parece essencial comprovar-se a existência de um conhecimento e uma influência **efectivos** do soneto de Camões por parte de/em Christina Rossetti como a condição *sine qua non* para que um estudo comparatista de ambos os poemas, aqui apenas esboçado, possa ter lugar ou para que, idealmente, eles integrem um dia essa antologia universal da saudade ainda por constituir.

Referências e sugestões bibliográficas:

I – Primária:

- AAVV. *Os Pré-Rafaelitas – Antologia Poética*. Prefácios e tradução de Helena Barbas. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005.
- Camões, Luís de. “Alma minha gentil, que te partiste”. *Lírica Completa*. Ed. Maria de Lurdes Saraiva. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, “Biblioteca de Autores Portugueses”, 1980: vol. II, 147.
- . “Alma minha gentil, que te partiste”. *Obras Completas*. Ed. Hernâni Cidade. 5.^a ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, “Colecção de Clássicos Sá da Costa”, 1985: vol. I, 213-214.
- . “Alma minha gentil, que te partiste”. *Sonetos*. Prefácio e notas de Maria de Lurdes Saraiva. Mem Martins: Publicações Europa-América, “Livros de Bolso Europa-América”, n.º 106, 1975: 169.
- Rossetti, Christina. “Remember”. *The Oxford Anthology of English Poetry*. Ed. John Wain. Oxford and New York: Oxford University Press, 1991: vol. II, 480. (*The Oxford Library of English Poetry*. 1986, 3 vols.).
- Rossetti, Christina. “Remember”/ “Recorda”. *O Mercado dos Duendes e outros poemas*. Tradução de Margarida Vale de Gato. Lisboa: Relógio D’Água Editores, col. “Poesia”, 2001: 70-71.

²⁸ “Na prática, ... não se parte de uma circunstância documental ou historicamente relevante, identificada à partida entre dois textos literários pertencentes a duas culturas e línguas diferentes, mas ... de um tema que ... é tratado de forma semelhante nesses textos. ... uma leitura comparada temática pode levar-nos de um texto ao outro, ... sem decidir um texto de partida e um texto de chegada). Uma leitura amplificada do próprio conceito de comparatismo literário pode beneficiar os estudos nesta área, porque deixará de estar circunscritos a problemas de influências ou ansiedades de influências, ...” (Ceia 101) e, linhas adiante, “Parece-nos tão legítimo optar por um programa de banda estreita ... investigação dos intertextos culturais e/ou literários) como por um programa de banda larga ... investigação de temáticas comuns a textos de literaturas nacionais diferentes, mas que partilham o mesmo espaço institucional, como é o caso dos estudos anglo-portugueses).” (*Ibidem* 102)

II – Secundária:

- Baldick, Chris. *The Concise Oxford Dictionary of Literary Terms*. Oxford and New York: Oxford University Press, 1991 (1990).
- Cardim, Luiz. *Projeção de Camões nas Letras Inglesas*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1940.
- Cidade, Hernâni. *Luís de Camões – I – O Lírico*. 4.^a ed. Lisboa: Livraria Bertrand, col. “Obras-Primas da Língua Portuguesa”, 1973 (1936).
- Coelho, Jacinto do Prado. “Camões, Poeta do Desengano”. *Problemática da História Literária*. 2.^a ed., revista e ampliada. Lisboa: Ática, 1972: 75-80 (1961).
- Cuddon, J. A. *A Dictionary of Literary Terms*. London: Penguin Books, 1982 (André Deutsch Ltd., 1977).
- Estorninho, Carlos. *A Contribuição Inglesa para a Camoniana* (Palavras proferidas no acto inaugural da Exposição da Camoniana Inglesa, no Instituto Britânico em Portugal, em 24 de Maio de 1972). Lisboa: Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de “Os Lusíadas”, 1972.
- Evans, Ifor. *História da Literatura Inglesa*. Lisboa: Edições 70, col. “Signos”, n.º 30, 1980 (*A Short History of English Literature*. 1940).
- Fuller, John. *The Sonnet*. London and New York: Methuen & Co., “The Critical Idiom”, n.º 26, 1980 (1972).
- Grierson, Herbert e Smith, J. C. *A Critical History of English Poetry*. Harmondsworth: Penguin Books in association with Chatto & Windus, 1966 (Chatto & Windus, 1944).
- Harvey, Sir Paul (ed.). *The Oxford Companion to English Literature*. 4th. ed., revised by Dorothy Eagle. Oxford: Clarendon Press, 1983 (1932).
- Igreja, Maria Eugénia. “A lírica de Camões em língua inglesa”. *Camões em Inglaterra*. Coord. Maria Leonor Machado de Sousa. Lisboa: Ministério da Educação/Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, col. “Diálogo”, série Compilação, 1992: 101-127.
- Legouis, Émile e Cazamian, Louis. *A History of English Literature*. London: J. M. Dent and Sons, 1948 (vol. I, 1926; vol. II, 1927).
- Matos, Maria Vitalina Leal de. *Camões: Sentido e Desconcerto*. Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, “Estudos Camonianos”, n.º 6, 2011.
- . *Introdução à poesia de Luís de Camões*. 3.^a ed. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, col. “Biblioteca Breve”, série Literatura, n.º 50, 1992 (1980).
- . “O Tempo na Poesia Camoniana”. *Ler e Escrever. Ensaios*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, “Temas Portugueses”, 197: 79-96 (*Arquivos do Centro Cultural Português*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981: vol. XVI, 127-142).
- Monteiro, George. “Camões in the United States”. *Revista de Estudos*

- Anglo-Portugueses*. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Centro de Estudos Anglo-Portugueses, n.º 11 (2002): 37-55.
- . “Notes on Camões”. *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Centro de Estudos Anglo-Portugueses, n.º 8 (1999): 7-15.
- . *The Presence of Camões: Influences on the Literature of England, America and Southern Africa*. Lexington, Kentucky: The University Press of Kentucky, “Studies in Romance Languages”, n.º 40, 1996.
- Moser, Fernando de Mello. *Luís de Camões em Inglaterra* (Separata do volume III d’*Os Lusíadas: Estudos sobre a Projecção de Camões em Culturas e Literaturas Estrangeiras*). Lisboa: s. ed., 1984.
- . “The Reception of Camoens in England”. *Dilecta Britannia. Estudos de Cultura Inglesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004: 57-72.
- Odber de Baubeta, Patricia Anne. “Camões in Translation: Further Discoveries”. *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*. Dir. Maria Leonor Machado de Sousa. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Centro de Estudos Anglo-Portugueses, n.º 12 (2003): 27-34.
- Penteado, Maria Eugénia de Carvalho. “Luís de Camões traduzido pelo Visconde de Strangford”. *Camões em Inglaterra*. Coord. Maria Leonor Machado de Sousa. Lisboa: Ministério da Educação/Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, col. “Diálogo”, série Compilação, 1992: 129-158.
- Ramos, Iolanda Freitas. “Imagens inglesas de Camões”. *Actas do I Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses* (Lisboa, 6-8 de Maio de 2001). Lisboa: Centro de Estudos Anglo-Portugueses – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2001 (sic: 2003): 225-233.
- . “Ser e não ser – Camões, o Shakespeare Português”. *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*. Dir. Maria Leonor Machado de Sousa. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Centro de Estudos Anglo-Portugueses, n.º 14 (2005): 7-25.
- Robson, W. W. “Pre-Raphaelite Poetry”. *The Pelican Guide to English Literature – From Dickens to Hardy*. Ed. Boris Ford. Harmondsworth, Penguin Books, “The Pelican Guide to English Literature”, vol 6, 1977: 352-370 (1958).
- Rogers, Pat (ed.). *The Oxford Illustrated History of English Literature*. Oxford: Oxford University Press, 1990 (1987).
- Sampson, George. *The Concise Cambridge History of English Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1941.
- Sanders, Andrew. *The Short Oxford History of English Literature*. 3rd. ed. Oxford: Oxford University Press, 2004 (1994).
- Sena, Jorge de. “Alma minha gentil...”. *Trinta Anos de Camões – 1948-1978 (Estudos Camonianos e Correlatos)*, vol. II. Lisboa: Edições 70, Lda., col. “Obras de Jorge de Sena”, 1980: 9-151.
- Silva, João Paulo Ascenso Pereira da. “John Adamson e a imagem ro-

- mântica da literatura portuguesa”. *Romantismo. Imagens de Portugal na Europa Romântica. Actas do II Congresso Internacional de Sintra sobre o Romantismo* (Sintra, 23-26 Setembro 1987). Sintra: Instituto de Sintra, 1998: 143-148.
- . “John Adamson e o mito romântico de Camões”. *Camões em Inglaterra*. Coord. Maria Leonor Machado de Sousa. Lisboa: Ministério da Educação/Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, col. “Diálogo”, série Compilação, 1992: 159-187.
- . *Memórias de Portugal. A Obra Lusófila de John Adamson*. Ponta Delgada: Eurosigno Publicações Lda., 1990. (Dissertação de Mestrado homónima em Estudos Anglo-Portugueses, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 1986).
- Silva, Vítor Manuel de Aguiar e. “A Elegia na Lírica de Camões”. *A Lira Dourada e a Tuba Canora: novos ensaios camonianos*. Lisboa: Edições Cotovia, 2008: 165-181.
- . “Aspectos petrarquistas da lírica de Camões”. *Camões: Labirintos e Fascínios*. Lisboa: Edições Cotovia, 1994: 179-190 (AAVV, *Cuatro lecciones sobre Camoens*. Madrid: Fundación Juan March/Cátedra, 1981).
- . *Jorge de Sena e Camões. Trinta Anos de Amor e Melancolia*. Coimbra: Angelus Novus, 2009.
- Valverde, José Filgueira. *Camões. Comemoração do Centenário de “Os Lusíadas”*. Coimbra: Livraria Almedina, col. “Novalmedina”, 47, 1982 (Madrid: Editora Nacional, 1975).
- West, Sidney George. *Camoens in the Periodical Literature of the British Isles, 1771-1970* (Separata da comunicação apresentada à I Reunião Internacional de Camonistas, Lisboa, 15-18 Novembro 1972). Lisboa: Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de “Os Lusíadas”, 1973.

III – Varia:

- Alarcão, Miguel. “Amor para além da Morte ou as ‘Cruzes de Leonor””. *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*. Dir. Maria Leonor Machado de Sousa. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies, n.º 19 (2010): 43-60.
- . “Roy Campbell (1901-1957): o hispanista escocês da África Austral”. *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*. Dir. Maria Leonor Machado de Sousa. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Centro de Estudos Anglo-Portugueses, n.º 16 (2007): 135-157.
- Bello, Maria do Rosário Lupi. “O Portugal de Roy Campbell.” Comunicação inédita, apresentada ao Congresso Internacional “Do Brasil a Macau: Narrativas de Viagens e Espaços de Diáspora” (10-14 Set. 2008), organizado pelo Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa

- e pelo *Nottingham Trent Centre for Travel Writing Studies*, Nottingham Trent University.
- e Miguel Alarcão. “Roy Campbell (1901-1957): The Life, Times and Opinions of a South African ‘Cowboer’”. *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*. Dir. Maria Leonor Machado de Sousa. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies, n.º 22 (2013): 209-221.
- Bettencourt, Margarida. “A questionação da marginalidade em ‘Monna Innominata’ de Christina Rossetti”. *Fringes at the Centre. Actas do XVIII Encontro da Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos – APEAA* (Guarda, 20-22 Março 1997). Guarda: Instituto Politécnico da Guarda/Escola Superior de Tecnologia e Gestão, 1998: II, 399-409.
- Browning, Elizabeth Barrett. *Sonetos Portugueses*. Pref. e trad. Manuel Corrêa de Barros. Lisboa: Relógio D’Água Editores, col. “Poesia”, 1991.
- . *The Poetical Works by Elizabeth Barrett Browning*. Introduction by Alice Meynell. London, Melbourne and Toronto: Ward, Lock and Co., s. d.
- Camões, Luís de. “Aquele que de amor descomedido” (Elegia II). *Lírica Completa*. Ed. Maria de Lurdes Saraiva. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, “Biblioteca de Autores Portugueses”, 1981: vol. III, 147-153.
- Campbell, Roy. *The Collected Poems*. London: The Bodley Head, 1960, vol. III.
- . *Portugal*. London: Max Reinhardt, 1957.
- Ceia, Carlos. “Para a definição do conceito de *Estudos Anglo-Portugueses*.” *Actas do I Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses* (Lisboa, 6-8 de Maio de 2001). Lisboa: Centro de Estudos Anglo-Portugueses – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2001 (sic: 2003): 97-102.
- Walker, Ernest. *Camoens: Sonnet XIX. Set to music by –*. Translated Sir R.[ichard] F.[rancis] Burton. S.l.: May 1888.

Este estudo foi realizado no quadro do Projecto Estratégico PEst-OE/ELT/UI4097/2011, domiciliado no CETAPS (Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies) e financiado pela FCT- Fundação para a Ciência e a Tecnologia.